

Vol XXV, Núm 2, jul-dez, 2020, pág. 401-417.

SAÚDE, SOFRIMENTO, DEFESAS E PATOLOGIAS NO TRABALHO DE PROFESSORES

Perla Alves Martins Lima

Adan Renê da Silva Pereira

Alexandre Lima dos Santos

Rosângela Dutra de Moraes

RESUMO

O artigo enfoca as vivências de prazer-sofrimento de professores que atuam com educação inclusiva na cidade de Manaus. Teve como objetivo compreendê-las a partir da análise dos processos psicodinâmicos do trabalho, sinalizando os agravantes de sofrimento, as estratégias de defesa e as possíveis patologias de trabalho. Utilizou-se metodologia de natureza qualitativa, segundo os aportes teóricos da psicodinâmica do trabalho, em que a escuta e a elaboração levam a uma mobilização de mudanças e transformações. Os participantes que compuseram a pesquisa foram vinte e cinco professores. Realizaram-se oficinas de escuta clínica do sofrimento, em que foi proposta a discussão das vivências subjetivas no trabalho. A fala foi compartilhada no coletivo de trabalhadores e a escuta foi pautada nas vivências de trabalho. O estudo permitiu concluir que a falta de um espaço de discussão configurou a queixa inicial dos professores e a partir dos encontros foi favorecida a formação de um coletivo em que o sentimento de pertencer ao grupo foi construído. O estudo evidenciou as contradições entre trabalho prescrito e o real, principalmente ao se tratar da legislação do processo de educação inclusiva e da prática deste professor ao receber uma criança com deficiência. Uma vez que não encontram condições favoráveis para realizar o trabalho e a falta de prescrição é um dos principais norteadores deste trabalho. Assim, foi possível compreender as relações entre o trabalhador e a organização do trabalho, bem como as mediações e ações dos mesmos em prol de transformações do trabalho.

Palavras-chave: Psicodinâmica do Trabalho. Oficinas de Clínica do Trabalho. Educação Inclusiva. Professores.

ABSTRACT

The article focuses on the experiences of pleasure-suffering of teachers who work with inclusive education in the city of Manaus. It aimed to understand them from the analysis of the psychodynamic processes of work, signaling the aggravating suffering, defense strategies and possible work pathologies. Qualitative methodology was used, according to the theoretical contributions of the psychodynamics of work, in which listening and elaboration lead to a mobilization of changes and transformations. The participants who composed the research were twenty-five teachers. Clinical listening workshops on suffering were held, in which the discussion of subjective experiences at work was proposed. The speech was shared in the collective of workers and the listening was

based on work experiences. The study allowed to conclude that the lack of a space for discussion configured the initial complaint of the teachers and from the meetings was favored the formation of a collective in which the feeling of belonging to the group was built. The study showed the contradictions between prescribed and real work, especially when it comes to the legislation of the inclusive education process and the practice of this teacher when receiving a child with a disability. Since they do not find favorable conditions to carry out the work and the lack of a prescription is one of the main guidelines of this work. Thus, it was possible to understand the relationships between the worker and the work organization, as well as their mediations and actions in favor of work transformations.

Keywords: Psychodynamics of Work. Labor Clinic Workshops. Inclusive education. Teachers.

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi escrito a partir da dissertação de mestrado sobre as vivências de prazer-sofrimento de professores que atuam em educação inclusiva. Utilizou-se metodologia de natureza qualitativa, segundo os aportes teóricos da psicodinâmica do trabalho, em que a escuta e a elaboração levam a uma mobilização de mudanças e transformações. Foram realizadas oficinas de escuta clínica do sofrimento, fundamentadas na teoria psicodinâmica do trabalho, sendo proposta a discussão das vivências subjetivas no trabalho. A fala foi compartilhada no coletivo de trabalhadores e a escuta foi pautada nas vivências de trabalho. O objetivo foi analisar a fala dos professores, sinalizando os agravantes de sofrimento, as estratégias de defesa e as possíveis patologias de trabalho.

Na legislação brasileira, houve um grande avanço nas políticas de integração da pessoa com deficiência, incluindo leis tais como: obrigatoriedade da inclusão no mercado de trabalho e a inclusão escolar, que estabelecem mecanismos que favoreçam a inclusão social, respeitando as diversidades e peculiaridades referentes à saúde, ao trabalho, à assistência social, ao transporte e à cultura.

No entanto, apesar de discussões e progressos, ainda há preconceito e exclusão dessas pessoas, como afirmam os dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o qual afirma que 77% das pessoas com deficiência se sentem desrespeitadas no Brasil. Esta pesquisa foi realizada com base no cadastro do IBDD - Instituto Brasileiro dos Direitos da Pessoa com Deficiência, que conta com

10.273 registrados. A referida pesquisa menciona que falta uma atuação mais firme do Estado na prevenção e tratamento oferecido à pessoa com deficiência.

A inclusão escolar de pessoas com deficiência tem causado grandes conflitos entre professores, escolas e pais de alunos. Schloss (1999) aponta que é necessário haver um repensar do papel dos professores que trabalharão com educação inclusiva. Cumprir o dever de incluir todos na escola não é uma tarefa fácil; requer preparação e adaptação ao novo.

A Educação inclusiva busca atender a todos os alunos percebendo suas necessidades e promovendo o atendimento às necessidades educativas especiais, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e a inclusão social. Requer um processo dinâmico e integrado entre escola, família e sociedade. De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação inclusiva (MEC, 2008), educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis.

Em Manaus, o Complexo Municipal de Educação Especial - CMEE é responsável pela promoção da educação dos alunos atendidos pela educação inclusiva, por meio de ações pedagógicas e atendimentos especializados, visando à inclusão social e escolar de alunos com deficiência (física, intelectual e sensorial), transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

Inserir-se também como ação do CMEE a formação continuada aos professores que atuam com educação inclusiva, abrangendo desde um atendimento prévio com psicólogo até o acompanhamento do trabalho durante todo o ano letivo.

A Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional nº 9394/96 estabelece que o atendimento do aluno com deficiência deva ser realizado no ensino regular, sendo esse um princípio básico da educação inclusiva. No entanto, na prática diária os professores vivenciam grandes desafios, tais como falta de recursos, falta de preparo e de especialização para lidar com a educação inclusiva, o que se configura como dificuldades no trabalho.

Desenvolveu-se a presente pesquisa sobre prazer-sofrimento no trabalho de professores que atuam em educação inclusiva, levando em consideração a complexidade de seu trabalho, bem como os fatores psíquicos e sociais inseridos neste contexto, buscando compreender os processos psicodinâmicos implicados na dinâmica do

trabalho, a partir da resignificação das vivências de sofrimento. Para isso utilizou-se como pressupostos a teoria da Psicodinâmica do Trabalho:

Que se define como uma teoria crítica do trabalho e traduz o trabalho a partir de processos de subjetivação e parte de uma concepção de homem marcada pelo poder de resistência, de engajamento e de transformação da realidade de dominação simbólica, política e econômica (MENDES, 2007, p. 28).

Assim, diante das experiências, compreende-se a importância e interesse no estudo pretendido tanto para produções científicas quanto para contribuições interventivas no campo social. Enquanto contribuição científica, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa referenciada na Psicodinâmica do Trabalho, que se contrapõem a estudos que privilegiam a gestão do trabalho em detrimento do trabalhador e sua subjetividade.

No que se refere à relevância social, este estudo ajuda a compreender as relações entre o trabalhador e a organização do trabalho, bem como as mediações e ações dos mesmos em prol de transformações do trabalho. Neste sentido, este estudo pode contribuir para a construção de um saber de como se dá esta transformação do sujeito pelo trabalho e como ocorre a mobilização para este fazer.

O estudo teve como objetivo geral compreender as vivências de prazer-sofrimento de professores que atuam com educação inclusiva em Manaus com foco na análise dos processos psicodinâmicos do trabalhar, destacando-se a sinalização dos agravantes de sofrimento, as estratégias de defesa e as possíveis patologias de trabalho.

Possibilitar um espaço de fala para os professores significa contribuir para um repensar do trabalho, já que, por meio da reelaboração é possível resignificar o trabalho, possibilitando a transformação do sofrimento em busca da realização de si, do reconhecimento, da construção de identidade, o que redundará em um trabalho mais prazeroso.

O sofrimento no trabalho de professores

Traesel e Merlo (2011) desenvolveram uma pesquisa com professores utilizando como fundamento a psicodinâmica do trabalho. Concluíram que o contexto escolar está associado a intenso sofrimento, com pouco espaço para transformação,

degradação das relações e limitações à mobilização subjetiva, o que dificulta a transformação do sofrimento no trabalho em prazer. Afirmam ainda que o trabalho docente constitui-se em um espaço para pesquisa e intervenção muito rico, porque a escuta coletiva contribui para uma mobilização e reflexão do saber-fazer, promovendo saúde no contexto de trabalho.

Neves e Selligmann-Silva (2006) contribuem a partir de uma pesquisa com professoras da primeira fase do ensino fundamental do Município de João Pessoa -PB, apresentando, como resultado de suas análises, um mal estar presente no trabalho das professoras. Os principais fatores que potencializam o sofrimento são a ausência de reconhecimento social do trabalho e a exaustiva jornada de trabalho. O estudo sinalizou que a relação das professoras com os alunos constitui a maior fonte de prazer no trabalho.

Esteve (1999) discute a problemática do trabalhador docente e afirma que a saúde está cada vez mais debilitada e o excesso de trabalho contribui para o mal-estar e cansaço do docente, desencadeando inúmeros problemas, tanto físicos quanto psíquicos.

Aguiar e Almeida (2006) investigaram o sofrimento psíquico de professores do ensino fundamental e as implicações desse fenômeno na trajetória profissional dos mesmos. Apresentaram como principais resultados a existência de conflitos psíquicos vivenciados por estes professores e a contribuição para o sintoma do mal-estar na educação, seguidos de sentimento de desamparo, incapacidade e impotência no exercício de sua função.

Almeida, Neves e Santos (2010), com foco em pesquisa das condições e organização de trabalho de professoras da rede pública de João Pessoa (PB), apresentaram como resultados uma discrepância entre trabalho prescrito e real e que, apesar de todas as adversidades, as professoras conseguem desenvolver novas formas de articulação em sua prática.

De acordo com Vasconcelos (2009), as principais queixas das professoras referem-se à perda gradativa da autonomia e a grandes exigências da formação, sinalizando para um sofrimento psíquico vivenciado de diferentes formas e relacionado principalmente à situação de trabalho.

Mariano e Muniz (2006) realizaram um estudo com o objetivo de analisar a relação entre a saúde mental e o trabalho de professoras; e evidenciaram que, ao

confrontar-se com situações desfavoráveis no trabalho, estas vivenciam diversas formas de sofrimento psíquico, mas também utilizam estratégias de enfrentamento, capazes de dirimir o sofrimento e favorecer a construção da saúde e prazer no trabalho.

Silva (2010) descreve o mal-estar docente a partir de uma pesquisa com professores do Distrito Federal. Identificou que este mal-estar apresenta variações quanto ao tempo de docência e o período em que a docência se iniciou. Sinaliza que as mudanças sociais e o tempo de docência contribuíram para o sofrimento destes professores, enfraquecendo o lugar do trabalho e sua identidade.

Santos (2006) realizou sua pesquisa de mestrado com professores de Salvador-BA e evidenciou que as adversidades encontradas por professores são causadoras de sofrimento, marcadas por uma organização do trabalho permeada por exigências e sobrecarga. A não participação dos pais na escola e o “mau comportamento” também configuraram-se como fontes de adversidade. No entanto, o autor afirma que os professores não ficam estagnados diante das adversidades do trabalho, mas criam estratégias de enfrentamento buscando o equilíbrio na busca da saúde.

Mascarello e Barros (2007) realizaram uma pesquisa abordando a materialização da organização do trabalho no contexto escolar e sua relação com o processo de saúde e doença de professores de uma escola da rede pública estadual em Vitória. Constataram que, embora as condições de trabalho sejam muito adversas, produzindo processo de adoecimento, constitui-se também um espaço de repensar e construir novas formas de lidar com o sofrimento, subvertendo-o em prazer.

Freitas e Facas (2011), estudando as vivências de prazer-sofrimento no contexto do trabalho de professores, analisaram a construção de estratégias de mediação no processo de saúde-adoecimento. Indicaram que o sofrimento dos professores é proveniente da sobrecarga de trabalho e das condições deletérias à saúde, corroborando com a maioria das outras pesquisas já apresentadas. Os professores investigados enfrentam o sofrimento e buscam saúde por meio de estratégias defensivas e mobilização coletiva.

Pesquisa realizada por Facas et al (2011) sobre uma análise do contexto de trabalho e os riscos de adoecimento com professores da rede pública do Distrito Federal, indica um “sinal de alerta” para a saúde destes profissionais, pois o espaço individual e coletivo pareceu interrompido, favorecendo danos psíquicos e físicos. Os autores

alertaram para a importância da criação de espaços públicos para trocas e discussões, contribuindo para uma elaboração coletiva do sentido no trabalho.

Vasconcelos (2011) pesquisou o sofrimento no trabalho de professores de escolas públicas em Manaus e apontou nos resultados: condições de trabalho adversas à saúde e sobrecarga evidente, o que tem intensificado o sofrimento. A autora realça que a pesquisa favoreceu o espaço da fala entre os trabalhadores, contribuindo para um repensar do seu saber-fazer.

Santos (2011) realizou um estudo com professores de ensino médio da rede pública de Manaus e apresentou como dados que a organização do trabalho é marcada por sobrecarga e o reconhecimento aparece apenas na relação com os alunos. Concluiu que as inúmeras dificuldades enfrentadas pelos professores inibem a transformação do sofrimento em prazer.

Rosas (2012) pesquisou o trabalho de professores em uma comunidade rural no Amazonas, a partir da clínica do trabalho dejouriana. Apresentou como resultados uma organização do trabalho marcada pela distância entre trabalho prescrito e real, além de condições de trabalho deletérias, contribuindo para sinais e sintomas de adoecimentos.

Dessa forma, pode-se indicar que diversas pesquisas têm sido desenvolvidas no Brasil acerca de sofrimento no trabalho de professores, apresentando uma realidade com condições de trabalho precárias, além da falta de reconhecimento e autonomia, contribuindo para uma intensificação do sofrimento no trabalho e levando a sinais e sintomas de adoecimento. Quanto ao trabalho de professores que atuam com educação inclusiva, não foi encontrado nenhum estudo com os aportes teóricos da Psicodinâmica do Trabalho, corroborando para a importância da realização desta pesquisa; e sinalizando para a relevância da escuta destes docentes, viabilizando um espaço coletivo de discussões, que pode contribuir para a subversão do sofrimento em prazer.

Sufrimento, defesas e patologias

Organizações como escolas, indústrias e comércio tendem a passar a imagem de que o sofrimento do trabalho não existe mais, de que os trabalhadores chegam e saem do trabalho alegres e satisfeitos, que as instalações do ambiente de trabalho são as mais limpas, modernas e bonitas. No entanto esse discurso é utópico, pois há uma sobrecarga

acentuada pela organização do trabalho, muitas vezes marcadas por condições deletérias, o que contribui para o sofrimento no trabalho. Para Mendes (2007), o sofrimento é parte integrante do sujeito, este por sua vez vivencia o confronto entre os mundos interno e externo, neste contexto, ele tem a capacidade de atingir trabalhadores em várias outras categorias profissionais.

Dejours (1999) afirma que o sofrimento inicia quando é bloqueada a relação entre a pessoa e a organização do trabalho, quando o trabalhador já utilizou todos os recursos e sente-se desgastado e impossibilitado de subverter o sofrimento em prazer.

Há ainda a pressão para trabalhar mal, em que não estão em questão a competência e a habilidade. Dejours (2007) afirma que o trabalhador sabe o que deve fazer, mas não pode fazê-lo porque as pressões sociais do trabalho o impedem. Aqui são trabalhadas as pressões sociais do trabalho, em que as condições do ambiente social tornam-se agravantes para o sofrimento, cada um trabalha por si, não há cooperação e os métodos e regulamentos apresentam-se incompatíveis entre si, causando sofrimento no trabalho.

A acumulação flexível do capital gerou grandes mudanças no mundo do trabalho, contribuindo para as novas formas de organização do trabalho. Dejours (2011) afirma que as novas formas de organização do trabalho revelam um modo de dominação social muito mais sofisticado e difícil de ser identificado. As exigências do trabalho são invisíveis e ameaçam a perda individual do emprego, havendo ainda o risco de desestabilização do coletivo de trabalho (DEJOURS, 2007; MENDES, 2007).

Com as novas formas de trabalho surgem também novas formas de sofrimento. Dejours (2008) apresenta, entre elas, o entrave ao exercício da inteligência criadora, a recusa generalizada da utilização necessária desta inteligência e o não-reconhecimento dos esforços do exercício dessa inteligência.

Dejours (2008) destaca os principais agravantes de sofrimento no trabalho: o bloqueio à prática da inteligência criativa e a recusa do seu exercício, além de o não-reconhecimento dos esforços dos trabalhadores quanto ao exercício dessa inteligência, na busca da saúde.

Há uma intensificação da exploração do trabalhador, em que a perda da autonomia é cada vez mais frequente, resultando na desconstrução e alienação do trabalhador. Para lidar com conflitos e contradições presentes na organização do

trabalho, o trabalhador utiliza estratégias defensivas, que podem ser tanto individuais quanto coletivas, e tem o papel de proteger contra ações dolorosas. No entanto, o agravamento das situações deletérias ou o uso exacerbado das defesas torna as estratégias sem efeito, conduzindo para as patologias do trabalho. As defesas, quando usadas de forma exacerbada, podem levar à incapacidade de pensar, implicando a banalização das injustiças no ambiente de trabalho e a aceitação (MENDES, 2007).

As estratégias coletivas de defesa são uma resposta às pressões reais do trabalho. Quando os trabalhadores não conseguem transformar sofrimento em prazer ou são impedidos de utilizar o processo de mobilização subjetiva, por imposições da organização do trabalho, é o momento em que o sofrimento e as defesas se instalam.

As estratégias defensivas são definidas como um mecanismo pelo qual o trabalhador busca modificar, transformar e minimizar sua percepção da realidade que o faz sofrer. Este processo é estritamente mental, já que ele não modifica a realidade de pressão patogênica imposta pela organização do trabalho (MENDES, 1995).

Dejours (1999) define essas estratégias defensivas como regras de condutas construídas e conduzidas por homens e mulheres. Mendes (2007, p. 38) complementa que variam de acordo com situações de trabalho e são marcadas “pela sutileza, engenhosidade, diversidade e inventividade, fazendo com que os trabalhadores suportem o sofrimento sem adoecer”.

Mendes (2010) elucida que para a psicodinâmica do trabalho, o trabalho e, mais especificamente, sua organização constituem o instrumento essencial de inovação, de experimentação e de transformação da dominação, por conta da qual o mundo humano e a política são desconstruídos.

Dejours (2008) apresenta grupos de patologias que tem se instaurado na atualidade: patologias de sobrecarga (*karôshi*, *burn out*, disfunções músculo-esqueléticas); patologias do assédio; patologias pós-traumáticas; depressões; tentativas de suicídios e suicídios.

A partir das pesquisas realizadas, percebe-se o crescimento desmedido de patologias no trabalho. Dejours (2008) afirma que as novas patologias relacionadas ao trabalho são consideradas patologia da solidão, com destaque para o assédio moral. Já como as chamadas patologias sociais, destacam-se: sobrecarga de trabalho, violência e servidão voluntária.

Os motivos que levam ao sofrimento apresentam-se como uma reação das pessoas manifestadas à resistência ao ambiente, atuando como mobilizador para a ressignificação do sofrimento, ilustrado por Mendes (2011) como o caminho para o trabalhador encontrar estabilidade sociopsíquica e possibilidades de expressar sua subjetividade de modo autêntico. Para tal, alguns recursos individuais e coletivos podem ser mobilizados; entre eles merecem destaque a inteligência prática e a cooperação.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Agravantes do sofrimento, sinais e sintomas de adoecimento

A dinâmica das relações é muito importante no trabalho para enfrentar o real. Quando há cooperação, reconhecimento, a relação com os pares se torna fonte de prazer; por outro lado, quando falta a cooperação, quando há fofocas, ou as relações são pautadas pelo individualismo, essa condição é um agravante de sofrimento: “A má relação com os colegas é a maior dificuldade e que causa sofrimento, pois às vezes o colega que trabalha na sala de frente a sua, não sabe seu nome” (PARTICIPANTE).

Outro agravante de sofrimento é a falta de parceria com a família. Os professores expuseram que a família deposita na escola toda a responsabilidade da educação da criança. E quando se trata de criança com deficiência a situação é mais complexa, porque os professores observam que ela tem uma determinada limitação e solicitam o apoio dos pais no sentido de levá-la ao médico para obtenção de um diagnóstico e acompanhamento necessário. No entanto, os pais não o fazem e o que se poderia fazer em prol do aluno e do seu progresso fica estagnado, pois quando uma criança passa por uma avaliação multiprofissional e é diagnosticada recebe todos os encaminhamentos necessários para seu desenvolvimento saudável.

A falta de apoio dos parceiros na educação, a família, gera um sofrimento muito grande, porque nos deparamos todos os dias com crianças desamparadas, não tem uma família estruturada. Vivem soltas pelas ruas, chegam sujas [...] Não há nenhum acompanhamento (PARTICIPANTE).

Na reunião de pais, quando aparecem cinco (de 30) fico feliz, esses pais e responsáveis são ausentes (PARTICIPANTE).

Isso retrata uma realidade não só na educação inclusiva, mas em outras pesquisas sobre educação é recorrente esse tema. Segundo Kaloustian (1988), a família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros. No entanto, a família tem renunciado às responsabilidades que deveriam desempenhar, impondo à escola toda a responsabilidade da educação de seus filhos (ESTEVE, 1999).

Rosas (2012) em sua dissertação da análise psicodinâmica do trabalho de professores de uma escola rural do município de Iranduba/AM identificou que o sofrimento associa-se principalmente à dificuldade em estabelecer parceria entre a família e a escola e que esta família, normalmente, apresenta-se alheia ao desenvolvimento educacional e moral dos filhos.

Tendo em vista a importância do reconhecimento para a construção da identidade e estabelecimento de relações saudáveis, o não reconhecimento dos limites do professor foi analisado com foco em sentimentos como o desamparo e a desvalorização do trabalho, infringindo sofrimento no trabalho: “As pessoas acham que professor não adoce e não tem sofrimento, mas não somos robôs e até máquinas quebram” (PARTICIPANTE).

Um agravante ímpar encontra-se especificamente no processo de inclusão da pessoa com deficiência, em que a falta de prescrição na tarefa e não saber como lidar são norteadores de angústia e dúvida para a realização da atividade.

O trabalho para ser desenvolvido necessita de uma prescrição com o objetivo de nortear as atividades a serem desenvolvidas. A falta dessa prescrição desencadeia a insegurança, gera sofrimento e sobrecarga.

Moraes (2010) afirma que através do reconhecimento se processa a produção de sentido da vivência de sofrimento. Esta autora afirma ainda que quando a dinâmica do reconhecimento está paralisada o sofrimento bloqueia a identidade. Quanto ao trabalho dos professores, o não reconhecimento manifesta-se nas falas:

Não me sinto reconhecida profissionalmente, pois a remuneração é baixa em relação a responsabilidade e às exigências impostas, muitas vezes sem nos dar recursos (PARTICIPANTE).

Não sinto prazer no que faço, não me sinto reconhecido pelo esforço, não me sinto devidamente recompensado pelo feito (PARTICIPANTE).

O ambiente de trabalho possui algum entrave que tirou minha paz, mas não consigo identificar [...]. Talvez seja o fato de eu ter-me dedicado ao máximo para realizar meu trabalho e nunca fui reconhecida (PARTICIPANTE).

Compreende-se a sobrecarga decorrente de baixos salários e a questão da desvalorização do magistério. Os professores apresentaram a queixa de falta de políticas públicas que garantam valorização do trabalho do docente e valor do salário confirma esta desvalorização, que não abarca as necessidades financeiras.

Esta situação os obriga a procurarem outra fonte de renda ou trabalhar três turnos seguidos, gerando uma sobrecarga de trabalho. A maioria dos professores que participou da pesquisa trabalha três turnos para complementar a renda familiar, pois os baixos salários não atendem às necessidades, o que se configura como sofrimento patogênico que é o contrário do sofrimento criativo, ou seja, quando o indivíduo produz soluções desfavoráveis para sua vida, e que estão relacionados à sua saúde, contribuindo com o adoecimento individual.

As jornadas intensas de trabalho, quando tratamos da questão de gênero, as mulheres são as mais afetadas porque ainda tem o trabalho doméstico, dormindo em média quatro horas por dia, denotando a sobrecarga de trabalho:

Eu trabalho em três turnos para conseguir sustentar minha família, as três escolas em que trabalho são em endereços distintos. Então mal tenho tempo de almoçar e já corro para outra escola. Chego em casa já tarde da noite por volta das vinte e três horas, aí tenho que arrumar a casa, o jantar, o lanche para minhas filhas levarem para escola no dia seguinte, o almoço do dia seguinte [...] é muita coisa só para mim. Aí eu tento deixar meus problemas em casa quando entro na sala de aula, mas infelizmente na maioria das vezes não consigo. Um dia desses saí da sala chorando porque estava tão cansada e não aguentava mais [...] (PARTICIPANTE).

O excesso de trabalho e a falta de lazer levam ao adoecimento. Eu já tomei remédio controlado para não enlouquecer (PARTICIPANTE).

Alguns professores já fizeram uso de antidepressivo e acompanhamento com psiquiatra e psicólogo, pois desenvolveram transtorno do pânico, ansiedade generalizada e fobia. Ao falar de adoecimento, surgiu também LER e DORT, além de distúrbios musculoesqueléticos e problemas nas cordas vocais.

Quando estou doente procuro um médico, porque para realizar o meu trabalho necessito estar saudável. Não há rendimentos se estiver doente, pois o trabalho em sala de aula requer saúde mental, física e intelectual. Mas nem

todos os colegas pensam assim e ficam forçando e trabalhando mesmo doente (PARTICIPANTE).

Ao falar de adoecimento considero normal da profissão do docente e quando é com alunos especiais, então, há muito mais exigência no trabalho. Às vezes tento deixar para lá o cansaço físico (PARTICIPANTE).

É necessário que haja um olhar para esse fato, o desgaste é muito grande devido às condições de trabalho (PARTICIPANTE).

As falas ilustram uma sobrecarga de trabalho, marcada pelo cansaço físico e exigências em condições de trabalho desfavoráveis. Pode-se analisar o “deixar para lá” como negação do sofrimento e, principalmente, quando é explícito o “ir trabalhar mesmo doente”. O sofrimento é negado e a relação com o enfrentamento da doença parece consciente e banalizada, configurando o mecanismo de recusa que repercute em perversão social.

Considerações Finais

Este estudo teve como principal objetivo buscar a compreensão das vivências de prazer-sofrimento de professores que atuam com educação inclusiva em Manaus a partir da análise dos processos psicodinâmicos do trabalhar e da comparação das categorias encontradas, destacando o seguinte eixo de análise: agravantes do sofrimento, sinais e sintomas de adoecimento.

Pôde-se observar depois de sete encontros em oficinas de escuta do sofrimento de professores que atuam com educação inclusiva em uma escola municipal da cidade de Manaus, que a falta de um espaço de discussão configurou a queixa inicial dos professores e a partir dos encontros foi favorecida a formação de um coletivo em que o sentimento de pertencer ao grupo foi construído. Alguns professores não sabiam o nome do colega e no decorrer do encontro houve fortalecimento deste coletivo. Ocorreu a identificação com os pares a partir do compartilhar a fala.

As más condições de trabalho configuraram-se como uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos professores que lidam com criança com deficiência, além de uma rigidez na organização do trabalho que coopera para uma autonomia limitada pelas barreiras impostas, que produz o sofrimento e impede a sua transformação.

O estudo evidenciou as contradições entre trabalho prescrito e o real, principalmente ao se tratar da legislação do processo de educação inclusiva e da prática deste professor ao receber uma criança com deficiência. Uma vez que não encontram condições favoráveis para realizar o trabalho e a falta de prescrição é um dos principais norteadores deste trabalho.

Porém, esta falta de prescrição não paralisa os professores, eles enfrentam buscando organizar-se entre si, criam regras de ofício, buscam informações na internet e em outros meios, em busca de esclarecimentos, evidenciando o uso da inteligência prática em seu fazer.

Percebeu-se que os professores se esforçam, investem muita energia e até mesmo paixão no trabalho. Mas, na maioria das vezes seu investimento passa desapercibido, não sentem reconhecimento por parte da sociedade como um todo, o que se torna uma fonte de sofrimento. O reconhecimento mostrou-se decisivo na dinâmica da mobilização subjetiva.

Traçando um comparativo das queixas dos professores nas primeiras reuniões e a consolidação das discussões a partir dos encontros, pode-se depreender que houve um processo de transformação no discurso e na ação destes professores. As queixas iniciais pairavam sobre a falta da aplicabilidade da legislação, falta de recursos e falta de parceria da família, sinalizando o não querer assumir a responsabilidade diante da inclusão escolar. Entretanto, de forma velada, manifesta-se o medo de não saber fazer, a insegurança diante do desconhecido, o confrontar-se com uma situação diante da qual se teme fracassar, apontando para o sofrimento do não saber fazer diante do real do trabalho, que leva ao medo do fracasso. No entanto, com a possibilidade de discussões entre os professores, houve uma transformação deste posicionamento em prol de uma responsabilidade conjunta, uma identificação no sentido de assumir a inclusão como uma ação no seu fazer a partir da mobilização e de cooperação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. M. R; ALMEIDA, S.F.C. Professores sob pressão: sofrimento e mal-estar na educação. Ano 6 Col. LEPSI IP/FE-USP 2006.

ALMEIDA, M. R.; NEVES, M. Y.; SANTOS, F. A. As condições e a organização do trabalho de professoras de escolas públicas. *Revista Psicologia, teoria e prática*. 35-50, 2010.

BRASIL. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) - IBDD (Instituto Brasileiro dos Direitos da Pessoa com Deficiência)

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação inclusiva. MEC, 2008.

DEJOURS, C. Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho. São Paulo: Fundap: EAESP/FGV, 1999.

_____. Prefácio. In: MENDES, A. M. (Org.). *Psicodinâmica do Trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

DEJOURS, C.; GERNET, I. Trabalho, subjetividade e confiança. In: SZNELWAR, L. I. (Org.). *Saúde dos bancários*. São Paulo: Publisher Brasil. Editora Gráfica Atitude Ltda. 2011.

_____. Prefácio. In: MENDES, A. M. (Org.). *Psicodinâmica do Trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

_____. *A avaliação do trabalho submetida à prova do real*. São Paulo: Blucher, 2008.

ESTEVE, J. M. Z. *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. São Paulo: EDUSC, 1999.

FACAS, E. P.; MENDES, A.M. Transgressões como resistência aos modos perversos de gestão da organização do trabalho. In FERREIRA, M.C.; ARAÚJO, J.N.G.A.; ALMEIDA, C.P.A.; MENDES, A.M. (organizadores). *Dominação e resistência no contexto trabalho-saúde*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

FACAS, E.P.; ARAÚJO, LKR; MENDES, A.M.; FREITAS, L.G. Trabalho e riscos de adoecimentos em professores da rede pública do Distrito Federal. Trabalho publicado nos anais do II CBPCT, 2011.

FREITAS, L.G.; FACAS, E.P. Vivências de prazer-sofrimento no contexto de trabalho dos Professores. Trabalho publicado nos anais do II CBPCT, 2011.

KALOUSTIAN, S. M. (org) *Família Brasileira, a base de tudo*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 1988.

MARIANO, M. S. S.; MUNIZ, H. P. Trabalho docente e saúde: o caso dos professores da segunda fase do ensino fundamental. *Revista Estudos e Pesquisa em Psicologia*, UERJ, RJ, ANO 6, Nº.1, 1º Semestre de 2006.

Martins, S.R.; MENDES, A.M. *Clinica psicodinâmica do trabalho: intervenção em grupo com ação de resistência*. Trabalho publicado nos anais do II CBPCT, 2011.

MASCARELLO, M. R. P.; BARROS, M. E. B. Nos fios de Ariadne: cartografia da relação saúde-trabalho numa escola pública de Vitória-ES. Revista Brasileira de Educação. 12n. 34jan./abr. 2007.

MENDES, A. M. (Org). Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MENDES, A. M. B. Aspectos históricos da Patologia do Trabalho. In: MENDES, R. (Ed.) - Patologia do Trabalho. Rio de Janeiro, Atheneu, 1995.

MENDES, A. M. B. Prazer, reconhecimento e transformação do sofrimento no trabalho. In: MENDES, Ana Magnólia (Org.). Trabalho & Saúde: o sujeito entre a emancipação e a servidão. Curitiba: Juruá, 2010.

MENDES, A. M. B. Conflitos de relacionamento no trabalho. In: III Seminário de Gestão da Ética nas Empresas Estatais. UnB, Jul. 2007.

MENDES, A. M. B.; ARAÚJO, L. K. R; MERLO, A. R. C. Prática clínica em psicodinâmica do trabalho: experiências brasileiras. In: BENDASSOLLI, P. F; SOBOLL, L. A. P. (Orgs.). Clínicas do trabalho: novas perspectivas para a compreensão do trabalho na atualidade. São Paulo: Atlas, 2011

MORAES, R.D. Prazer-sofrimento no trabalho: estudo em empresas japonesas no Polo Industrial de Manaus. Manaus: EDUA, 2010.

NEVES, M. Y. R; SELIGMANN-SILVA, E. A dor e a delícia de ser (estar) professora: trabalho docente e saúde mental. Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, Ano 6, n. 1, 1º Semestre de 2006.

ROSAS, M.L.M. Análise psicodinâmica do trabalho de professores de uma escola rural do município de Iraduba/Am. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Amazonas: 2012.

SANTOS, G. B. As estratégias de fuga e enfrentamento frente as adversidade do trabalho docente. Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, Ano 6, n. 1, 1º Semestre de 2006.

SANTOS, R. C. Vivências de prazer-sofrimento no trabalho de professoras do ensino médio da rede pública estadual da cidade de Manaus/AM. TCC. Universidade Federal do Amazonas, 2011.

SCHLOSS, PJ. Inclusão: um guia para educação. Tradução Magda Franca Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SILVA, R. M. S. O mal-estar docente: um estudo da psicodinâmica do trabalho a partir de relatos de professores do ensino fundamental do Distrito Federal. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Brasília: 2010.

TRAESEL, E.S.; MERLO, A.R.C. Ser professor na atualidade: uma pesquisa na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho. Trabalho publicado nos anais do II CBPCT, 2011.

VASCONCELOS, A. C. L. O sofrimento no trabalho de professores de escolas públicas em Manaus. Trabalho publicado nos anais do II CBPCT, 2011.

VASCONCELOS, A. C. L. A saúde de professoras do ensino fundamental: relato de uma investigação. In *Subjetividade e Trabalho: “a vida não é só isso que se vê”*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

Recebido: 20/5/2020. Aceito: 30/6/2020.

Perla Alves Martins Lima (Universidade Estadual de Roraima, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Bionorte)
E-mail:perla.psicologia@gmail.com

Adan Renê da Silva Pereira (Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Educação)
E-mail:adansilva.1@hotmail.com

Alexandre Lima dos Santos (Universidade Estadual do Amazonas, Faculdade de Medicina)
E-mail:lsantos.alexandre@gmail.com

Rosângela Dutra de Moraes (Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Psicologia)
E-mail:rosangeladutra@ufam.edu.br